

## SEJA FEITA A DIVINA VONTADE

Não aflijas o próprio coração, pedindo ao Céu aquilo que realmente não constitui nossa necessidade essencial.

Recorda, em tuas orações, que a Vontade Divina endereça-nos, cada dia, concessões que representam a provisão de recursos imprescindíveis ao nosso enriquecimento real.

Observa, na sucessividade das horas, as bênçãos do Todo Misericordioso.

Aparecem, quase todas, em forma de trabalho nos pequenos sacrifícios que o mundo nos reclama.

Aqui, é a família exigindo compreensão.

Ali, é uma obrigação social que devemos cumprir.

Além, é o imposto do reconhecimento que não nos cabe sonegar.

Mais além, é o companheiro de caminho que nos pede auxílio e entendimento.

Guarda a boa vontade no coração e o serviço nas atitudes, à frente da Humanidade e da Natureza, e perceberás que não é preciso bater às Portas do Céu com demasiadas súplicas ou com excessivas aflições.

Repara os nossos irmãos menos felizes que procuram a fortuna amoedada ou que buscaram os títulos da autoridade terrestre.

Quase todos avançam atormentados, ao calor de brazeiros invisíveis, suspirando pela paz que temporariamente perderam, em recebendo compromissos prematuros.

É possível que sejas convocado à luta da direção ou à mordomia do ouro; é provável que amanhã sejas conduzido aos mais altos postos, na orientação do povo ou no esclarecimento das almas...

Se isso, porém, está nos Desígnios do Senhor, não precisas inquietar-te através de requisições e rogativas sem qualquer razão de ser.

Não intentes a aquisição de bens ou responsabilidades para os quais ainda não te habilitaste.

A árvore, sem angústia, cresce para a colheita e a fonte, sem violência, desliza no espaço e no tempo, acabando por encontrar a serenidade do grande oceano.

Cumpra o dever de hoje, com segurança e tranqüilidade, sê, antes de tudo, correto e irrepreensível para com os outros e para contigo mesmo, e o Plano da Eterna Sabedoria te alçará gradativamente a serviços sempre mais expressivos e sempre mais importantes, porque na confiança de tua fidelidade ao Bem, estarás repetindo com o Amor de Jesus:

“Seja feita, Senhor, a Tua Vontade, assim na Terra como nos Céus”.

Emmanuel

**A EQUIPE**

## LINDOS CASOS DE TIO JUCA

Ramiro Gama escreveu **LINDOS CASOS DE BEZERRA DE MENEZES** e **LINDOS CASOS DE CHICO XAVIER**. Eis que também, no livro **O FENÔMENO TIO JUCA**, o escritor baiano Eusínio Lavigne, com aquele *savoir dire* que lhe é familiar, deleita-nos com esplêndidos relatos biográficos a que poderemos, com justeza, crismar de **Lindos Casos de Tio Juca**. Porque, na verdade, tanto são lindos os casos de Bezerra e do Chico, como os do inolvidável Juca. Concordam em gênero, número e grau. Recordemos que Tio Juca é o apelido de José Soares de Gouveia, o ateu que se convertera ao Espiritismo em virtude duma aparição do filho, no momento dramático em que ele, Gouveia, estava a pique de desertar deste mundo pela porta falsa do suicídio. Feito este ligeiro exórdio, vamos aos “lindos casos”, que aqui sintetizamos, por economia de espaço. Muito antes de libertar-se do seu ateísmo, Tio Juca já revelava faculdades mediúnicas que, mais tarde, se manifestariam com extraordinária freqüência e incontrastável vigor.

Em 1924, viajando com alguns companheiros pela estrada da Serra da Borborema (Pernambuco), em noite escura, houve um enguiço no automóvel. O motorista, dando marcha-à-ré, esforçava-se por superar o emperramento do veículo, mas debalde. Tio Juca fêz ver a todos o risco da descida. Acolhida a advertência, a viagem não prosseguiu. No outro dia, viram que o carro estacionara a um palmo de enorme, precipício. 18 de setembro de 1935: Soares de Gouveia surpreende com a visão de uma tia falecida. Não entendendo a natureza do fenômeno, foi ouvir a opinião do padre Quinderé, em Fortaleza. — Você é médium — diz o sacerdote. — Trata-se de um fenômeno espírita, que se manifesta por pessoas ditas médiuns. (Quem nos dera que os padres Quinderés formassem multidão!). Anos depois, em 1939, ia viajar do Rio para São Paulo. Na ante-sala do Aeroporto, viu o seu filho Antônio Carlos, desencarnado, que lhe avisava que o avião ia cair. Desistiu da viagem e comunicou o vaticínio aos demais passageiros, porém ninguém acreditou. O avião caiu e todos morreram. D. Antonieta Bastos, cunhada do dr. Eunápio de Queirós, fora acometida de uma doença nos pés. O dr. Estácio Gonzaga, examinando-lhe o sangue, atestou grave infecção. Estava sendo inócuo o tratamento médico indicado. É quando, es-

pontaneamente, por incorporação, um Espírito, dizendo-se russo, comunica-se com Tio Juca e dá a seguinte indicação: “*que Antonieta Bas tos acendesse um fogareiro e sobre ele estendesse um pano molhado sobre o qual, a certa altura, duas vezes por dia, cerca de dez minutos, pusesse os pés, para que exsudasse suficientemente.*” E recebeu determinado medicamento. Após 24 aplicações, os pés voltaram ao normal. Um exame médico posterior não revelou mais infecção. A origem do mal — elucida o Espírito — estava no sapato de D. Antonieta, cujo couro continha ainda o germe da moléstia. De fato — ajunta Lavigne —, o carbúnculo resiste ao processo do curtume. E foi na Rússia, no tempo do Czar, que verificaram o fato da resistência do vírus a altas temperaturas. Os correões dos soldados transmitem o carbúnculo. Achava-se internado no Sanatório Bahia um rapaz surdo-mudo que havia engolido oito chaves e um rosário arrebatado das mãos de sua mãe. Obedecendo a um conselho da esposa, Tio Juca trouxe para casa o aberrante deglutidor que, ao receber os primeiros passes, vomitou duas chaves. Mais duas no dia seguinte. Duas mais no terceiro. E depois as restantes e também o rosário. Caso patente de obsessão. Continua surdo e mudo, mas entende o que se lhe fala,

processando-se rapidamente a recuperação. Movido por uma força estranha, um dia Tio Juca, contrariando seus hábitos, levantou-se às cinco horas da manhã. Descendo as escadas, fica à porta da rua, a gritar para um automóvel que passa em disparada: — Pára! Pára! Pará! — O motorista parou, dizendo, entre tanto, não poder apanhar mais passageiros, porque vinha de Pituba conduzindo um menino com uma espinha de peixe na garganta e ia à procura dos recursos necessários. - É isso mesmo que me traz aqui — replicou. Abriu a boca do acidentado, e retirou a espinha. No Rio de Janeiro, em 1952, Tio Juca sonhou que alguém lhe pedia para salvar um doente na Pavuna, rua Honório Hermeto. Já se aprestava para ir à procura do enfermo, quando recebe um telegrama da Bahia, de sua cunhada Helena, implorando-lhe que salvasse uma pes soa na rua Honório Hermeto, 147. Localizada a casa, esclareceu-se o caso. Não havia ali doente algum, e sim uma menina de 12 anos que um marinheiro queria seduzir, e com muita possibilidade de êxito, já que a mãe dela era prostituta. Retirada da casa materna, a menina foi levada de avião para Salvador. Recebeu, posteriormente, educação na “Casa do Tio Juca”. E os casos são em barba — como diria mestre Imbassahy. Todos edificantes. Todos lindos. Todavia, não nos foi possível, nos exíguos limites duma crônica, relatá-los em sua totalidade. Encontrando-se com Chico Xavier em Pedro Leopoldo, Minas Gerais, no mês de agosto de 1956, Tio Juca teve a confirmação do que já lhe havia sido revelado em 1954, através de sua própria mediunidade: devia cumprir importante missão na selva amazônica. Embrenhar-se-ia no Inferno Verde à procura de certa moça que, saindo a caça de borboletas, desapareceu naquelas vestidões inóspitas, deixando a família aflita e desesperançada. Chamava-se Helena de Andrade Fortuna. Há cerca de vinte anos,

sem perder a virgindade, vivia em companhia de índios que a acolheram na taba — informou o médico Luiz Carvalho (Espírito). Muitas outras comunicações ratificaram tal informação. O índio Tauá, desencarnado, da tribo dos Mundurucus, bacia do Tapajós, percebendo telepaticamente que alguém temia pela sorte de Tio Juca, já idoso e doente, a lançar-se numa aventura perigosa, de êxito duvidoso, assegurou: — Não se paga com o mal uma missão de paz. Fenômeno interessante de bicorporeidade Tio Juca entrou em contato com o espírito de um vivo — o índio Juçanã. Viu-o claramente e dele recebeu orientação coincidente com a de Tauá, relativamente ao roteiro da viagem. Do ponto de desembarque à taba seria carregado em maca de tucum. Traria três gotas de sangue, simbolizando a fraternidade. Não podia haver mais dúvida. Tio Juca iniciou a grande jornada, por via aérea, no dia 26 de setembro de 1957. Fêz parada no Recife e em Fortaleza. Chegou a Manaus pela manhã de 3 de outubro e pôs-se logo a agir. Após uma série de peripécias, viu uma senhora à porta duma casa humilde e, naturalmente por inspiração; pede-lhe uma “informação que nunca pediria aos anteriores transeuntes”: saberia ela algo acerca de uma moça chamada Helena, desaparecida há, aproximadamente, vinte anos? Para sua grande surpresa, a mulher deu resposta afirmativa. E mais: confessou ser ela mesma a mãe da Helena das Selvas. Identificou-se pelo nome de Maria José de Andrade Fortuna, casada com José Vicente Fortuna, já falecido. Moravam no Alto Tapajós. Relatou que sua filha Helena, no dia 26 de janeiro de 1937, ainda no vigor da mocidade — 18 anos —, penetrou na mata à caça de borboletas para trabalhos de pintura. Julgavam-na morta. Como Tio Juca contestasse a morte da filha D. Maria quis saber por que assim pensava e ele revelou a origem das informações: comunicações me-

# COMUNICAÇÃO

diúnicas. A mulher não lhe deu crença.

Voltando ao hotel, Tio Juca vê uma entidade que se dá a conhecer por “Júlia”, a qual lhe diz que Helena vive a meio caminho da Itaituba e Curuzu e o aconselha a seguir para Santarém, a fim de avistar-se com o dr. Elmar Cunha.

6 de outubro Em Santarém, dr Eimar, também espírita (e médium) afirmou estar a par dos acontecimentos e foi taxativo — A moça não vem. Tio Juca quase desiste da tarefa. Porém, recobra o ânimo e resolve ir até o fim.

Resumindo: no dia 8, descia Tio Juca, de avião, em Curuzu. Horas depois, num barco a motor, percorrendo o caminho do Rio Itaituba, vêm-lhe aos ouvidos repetidos gritos — ué, Tauáué, Tauáué, Tauá.

À margem do rio havia uma cruz de filhas de palmeira. Aí encostou o barco, que prosseguiu viagem, após deixar Tio Juca sozinho, em terra.

Guiado pelos gritos dos selvícolas, foi-se adentrando na mata. Aparece Juçanã, que, à guisa de saudação, exclama: — Espera, branco, que o caboclo vai levar. Viva o Cristo! Dentro em pouco aproximam-se uns 200 índios que, se revezando, conduziram o destemido homem branco, em maca de tucum, para a aldeia dos bronzeados mundurucus. Era noite, Helena sai de sua modesta morada. Sobe a um tronco de árvore. Traços imperceptíveis, devido à escuridão. Dirige-se ao visitante: — Juro pelo nosso Deus e pelo sacrifício do branco do mar, Tio Juca, que sou virgem, como a virgem das selvas. No dia seguinte, o hóspede visitou toda a aldeia, observou o trabalho ordeiro dos indígenas e foi alvo de expressivas homenagens, posto que muitos singelas. Afinal, o depoimento de Helena. Ela rememorou os incidentes de sua incursão na selva, desde o dia em que, desorientada, perdeu o caminho de casa.

Levada para a comunidade dos mundurucus, trataram-na muito bem, mas custou-lhe adaptar-se entre eles. Agora está acostumada e satisfeita no ambiente em que se encontra. Vive tal como os índios, seminua, apenas com uma tanga. Perdeu a noção do tempo. Não quer voltar para o convívio dos brancos. Afeiçoara-se àquela gente, que lhe implorava a permanência. Ocupa-se de ensinar os índios. A língua e a religião cristã. Por isso que eles já estavam falando o português, embora imperfeitamente e adotando a saudação “Vida o Cristo!”. Estava chegando ao fim a missão do Tio Juca. Voltaria satisfeito. Se não conseguira fazer retornar Helena ao lar de nascimento, rejubilou-se com seu autêntico procedimento cristão, por estar construindo um lar coletivo naquelas brenhas em que impera a Lei da Natureza e onde a “Civilização” ainda não chegou para corromper os bons costumes. Como fora anunciado de há muito, o lenço de Tio Juca ficou marcado com três gotas de sangue (extraídas do corpo do pajé). A hora da despedida, Helena mandou de presente à mãe uma medalha presa num cordão de ouro. Conservava-a consigo desde o dia em que deixara para sempre a casa paterna. Ao dizer adeus a Juçanã, Tio Juca notou-lhe os olhos marejados e ouviu da boca do bravo mundurucu: — Diga aos brancos do mar que o índio chorou. Tio Juca entregou a medalha a D. Maria Fortuna. As filhas acharam que ele cometera um ato criminoso, arrancando-a do cadáver de Helena. A mãe, entretanto, quase em lágrimas, murmurou: — Esta medalha é de minha filha. Lamentavelmente tivemos de omitir detalhes interessantíssimos, por motivo de limitação de espaço. A narrativa completa acha-se no livro o FENÔMENO TIO JUCA, do escritor baiano Eusínio Lavigne, já falecido.

Fonte

O ESPIRITISMO EXPLICA, por Aureliano Alves Netto, ed. EDICEL

## ESTUDANDO AS OBRAS ESPIRITAS

Celso Martins

Um dos mais graves problemas com que se defronta o movimento espírita no Brasil (pesa-me muito dizê-lo) é justamente a falta de estudo criterioso, metódico, reflexivo das obras básicas de Allan Kardec. Nossos Centros ficam literalmente lotados nas sessões de caráter mediúnico porque, na verdade, os fenômenos, mais que isto, a possibilidade de obter alguma coisa do Plano Espiritual, tudo isso consegue atrair as massas populares como o mel atrai a mosca. Geralmente, salvo honrosas exceções, todos querem ouvir um conselho sobre um assunto de ordem material, querem tomar um passe, beber água fluidificada, ver-se livre de uma perturbação e coisas assim... Mas... nas reuniões de estudos sérios, nos encontros para a leitura e a interpretação d'**O LIVRO DOS ESPÍRITOS** ou do **EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO** ou ainda d'**O LIVRO DOS MÉDIUNS**, aí então podemos contar nos dedos, salvo - repito - honrosas exceções - o número dos assistentes, não raro o mesmo grupinho de sempre! Em decorrência disto, resultam desagradáveis conseqüências não só para o indivíduo mas também para o próprio Movimento Espírita. A Doutrina Consoladora não se restringe unicamente à produção de fatos mediúnicos, não! Para o espírita consciente, o mediunismo é um meio, é uma ferramenta de trabalho, porém não é o objetivo final do Espiritismo, não.

O mediunismo, nunca será demais repetir isto, é o meio mais eficiente para demonstrar a existência do Mundo Espiritual e as relações que se estabelecem entre os mortos (desencarnados) e os vivos (encarnados). Todavia, a finalidade maior do Espiritismo, o fim supremo a que ele se destina é justamente a reforma moral das criaturas. Quer dizer, é o esclarecimento do Espírito, quer esteja encarnado ou não. É a sua purificação mediante a purificação de seus sentimentos como a que se consegue combatendo o orgulho, combatendo a vaidade, o egoísmo, como a que se obtém através da prática espontânea e constante das virtudes evangélicas, à frente das quais se destaca a Caridade. Tudo isso se consegue estudando detidamente as obras básicas de Kardec e aquelas que lhe são imediatamente subsidiárias. Há necessidade de debates e de encontros, de estudos e mesmo cursos regulares para a disseminação e melhor compreensão dos postulados espíritas em termos de esclarecimento nacional. E isto, notemos bem! — sem nenhum laivos de salvacionismo ou de catequese! Por falta deste estudo, mui-

ta gente confunde o Espiritismo com o simples mediunismo! Vai daí a prática de atos ritualísticos (uso de velas, de defumadores, de cantos exóticos, de vestimentas especiais, de fórmulas secretas, de preces cabalísticas, de orientações astrológicas...) que em absoluto nada tem que ver com a pureza doutrinária do Espiritismo. Vai daí a crença em superstições que não encontram guarida no seio do corpo doutrinário do Espiritismo. Vai daí enfim a permanência da criatura (tanto encarnada como desencarnada) nas teias da ignorância, nas malhas das credices, nos atalhos da ilusão e o Espiritismo sendo considerado apriorística- mente uma terrível mixórdia de cultos primitivistas, de práticas fetichistas quando em verdade é uma doutrina altamente filosófica, espiritualista e espiritualizante, de mostrada cientificamente porque tem bases científicas e com implicações de ordem moral capaz de trazer nova luz para o nosso entendimento e muita paz para os nossos corações! A propósito, vale registrar aqui uma conversa que tive há tempos com um amigo. Foi mais ou menos assim o nosso diálogo: — Quer dizer que o

senhor é Espírita Kardecista? — declarou certo amigo meu, a certa altura de uma longa palestra que travávamos animadamente. — Não é bem assim. Eu só sou Espírita. Não sou Kadecista, não. — Ah!... Já sei O senhor então é umbandista? — concluiu logo o amigo sorridente. — Nada disso. Eu não sou umbandista, não. Já disse, sou Espírita. Espírita e nada mais. — Então agora eu é que não entendo mais nada. Os espíritas ou são Kardecistas ou são umbandistas. Ou será que existem outros grupos que eu ainda não conheço? — comentou ele desolado. Ao que eu então passei a explicar clara, objetiva e calmamente. — Olhe, não há nada na Doutrina Espírita que autorize a dividir os espíritas em dois, em três ou mais grupos distintos. A criatura ou é Espírita ou não é Espírita. Assim sendo, Umbandismo é uma coisa e Espiritismo é outra, muito diferente. A Umbanda por exemplo se formou por um processo que em Sociologia se chama de sincretismo religioso. O dicionário nos ensina que, do ponto de vista filosófico, sincretismo é exatamente o sistema que combina princípios de diversos outros sistemas constituindo uma amálgama, isto é, uma mistura de concepções diversas. Um exemplo tirado à História das Religiões pode aclarar a questão. O Catolicismo durante a Idade Medieval recebeu a contribuição sincrética de crenças filosóficas de pensadores e de escolas gregas do Platonismo, do Néo-Platonismo, do Estoicismo, etc...; de certos princípios morais e de elementos históricos do povo judeu e dos cultos do Orfismo e do Oriente. Em virtude desta interação, ainda hoje o Catolicismo apresenta aspectos sincréticos como por exemplo as vestes para-mentais de seus sacerdotes, a tonsura, o batismo pela água, que vem das práticas religiosas gregas em louvor à deusa Cotito, as imagens, as procissões, a vinda de um Messias a partir de uma virgem, etc... A própria festa de Natal tem

raízes pagãs e foi incorporada ao Cristianismo pela Igreja por um processo sincrético. Evidentemente não vai aqui nenhuma crítica maldosa aos nossos irmãos católicos com tais apreciações de caráter histórico. O próprio Jesus nos dizia que é preciso colocar o fermento em contato com a massa para levedá-la inteiramente. Historicamente a massa do paganismo só poderia ser levedada pelo fermento do Evangelho se este se misturasse com ela, graças, por exemplo, ao trabalho de um Paulo de Tarso levando a mensagem cristã aos chamados gentios. O fermento do Evangelho se misturou assim com a farinha da cultura da época. Há quem diga que o Espiritismo hoje em dia seja um outro exemplo de sincretismo religioso. Mas quem pensa assim, pensa errado. Não sei se você sabia, mas o sociólogo francês Halley Chatelain fêz pesquisas na África sobre as religiões primitivas que o tráfico negreiro trouxe para o Brasil; e apurou que tais religiões primitivas já vieram para cá misturadas com duas religiões superiores: o Islamismo e o Catolicismo. A invasão islâmica na África e a catequese católica infiltraram nas religiões do chamado Con tinent Negro os seus elementos religiosos muito antes de que elas se transferissem para o Brasil. — Mas o Islamismo também? — estranhou o meu amigo. — Sim, o Maometanismo também. Você quer um exemplo? Repare no uso dos turbantes. Sim, tal uso veio da Índia através dos maometanos que durante séculos dominaram a África, entendeu? Quero acrescentar que o fenômeno sincrético religioso afro-brasileiro entre os cultos africanos e o Catolicismo do Brasil colonial teve início no século 16, com a vinda dos primeiros negros para a Bahia. Desenvolveu-se lentamente nos séculos seguintes na total ausência do Espiritismo que aqui só chegou (a Codificação Kardeciana teve início com a publicação d' **O LIVRO DOS ESPÍRITOS** em 1857) pelo fim

do século 19 e mesmo assim ficou a princípio restrito às camadas mais cultas pois os livros do Codificador estavam escritos em francês, só mais tarde traduzidos para o nosso idioma. Portanto, o Espiritismo nada tem a ver com o sincretismo afro-brasileiro nem com a Umbanda. Evidentemente com isso não quero dizer não tenha eu, particularmente todo respeito para com esta seita; e todo amor para com os seus adeptos que, afinal de contas, são nossos irmãos em nome de Deus e, diante da Lei de Deus e das leis de nosso país, têm a liberdade de seguir esta ou aquela religião. Mas — Umbanda é uma coisa e Espiritismo é outra, bem diferente.

— Mas eles, os umbandistas, também praticam a mediunidade — objetou o meu amigo.

— E daí? O mediunismo não é exclusividade do Espiritismo, não! Nem do Umbandismo. O fato mediúnicico aparece em todas as religiões e até mesmo em meios não religiosos. Logo, embora o mediunismo seja comum à Umbanda e ao Espiritismo, isso não quer dizer sejam a mesma coisa. O Espiritismo é uma doutrina filosófica, espiritualista, de bases científicas comprovadas e com conseqüências morais ou religiosas.

— E esta doutrina não foi fundada pelo senhor Allan Kardec? — interrompeu-me de novo o amigo; assim sendo, se foi ele que a fundou, e se segue você esta doutrina, então você é Kardecista... Você é Espírita Kardecista.

— Nada mais falso, meu irmão... Nada mais errado... Kardec em absoluto fundou religião ou doutrina alguma. O Espiritismo não foi de modo algum uma criação, urna invenção ou mesmo uma descoberta de Kardec. Ele apenas codificou, quero dizer, ele apenas organizou, deu organização lógica, estrutura didática, corporificou, deu corpo a urna doutrina que, a rigor, é dos Espíritos. Você poderá dizer se quiser, Codificação Kardeciana, Codificação de Allan Kardec, se referindo as sim ao trabalho que ele teve de organizá-la, de corporificá-la

lançando as chamadas obras básicas, dirigindo as pesquisas da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, dirigindo a publicação mensal da Revista Espírita, enfim, estudando os fenômenos mediúnicos com critério de um cientista e deles tirando as conclusões de ordem sobretudo moral.

— Ah... Então Espiritismo não é o mesmo que Kardecismo, não? exclamou ele.

— Não. Rigorosamente falando, não. Não sou, como vê você, .Kardecista... Sou apenas Espírita. A palavra já diz tudo. É perfeitamente dispensável o adjetivo (Kardecista) que aí está empregado erradamente.

— Mas você sabe que por este imenso Brasil, muita gente pensa como eu pensava antes de ouvir esta sua explicação?

— Sim, eu sei disso. Até mesmo nos meios oficiais há esta confusão dizendo-se Espiritismo Kardecista para diferenciar de Espiritismo Umbandista, o que não corresponde à realidade doutrinária. E para dirimir tais dúvidas, creio que os escritores, os jornalistas, os oradores, os conferencistas, os presidentes de Centros Espíritas que militam ativamente em nosso meio deveriam frisar em seus escritos e em suas oratórias, o verdadeiro significado das palavras para evitar tanta deturpação em torno do assunto, às vezes sendo a confusão feita de boa-fé, por ignorância; outras vezes com visível má-fé, para desfigurar a imagem do que de fato é a Doutrina Espírita. Daí a necessidade imperiosa do seu estudo, estudando-se sempre e cada vez mais as obras de Allan Kardec.

Nota da Editora: Mais detalhes no livro O ESPIRITISMO E AS DOCTRINAS ESPIRITUALISTAS do jornalista Deolindo Amorim. E também no livro UMBANDA EM JULGAMENTO, de Alfredo d'Alcântara.

Fonte

NA ROTADO ANO 2000, por Celso Martins e Antonio F. Rodrigues, ed.ABC DO INTERIOR

## CONDUTA MEDIÚNICA

(2ª Parte)

Rubens Santini

“O médium precisa aprender também a dominar seus impulsos emocionais, a fim de que a mensagem que passa por ele, vinda de alguém no Plano Espiritual e destinada a alguém no plano da matéria, não se contamine com as suas próprias paixões e desacertos íntimos. Ele terá de ser como o lápis bem apontado, com o grafite na consistência própria, na cor certa, ou o aparelho de som dotado de dispositivos de alta fidelidade para que a boa gravação não seja reproduzida com distorções, zumbidos e estáticas que a tornem irreconhecível. Deve se esforçar para que a mesma qualidade de som existente na gravação-fonte seja a que se reproduz nos alto-falantes, com toda a fidelidade e autenticidade possíveis.

(...) Na mediunidade, não há disputa de campeonatos nem medalhas de ouro ao vencedor, porque não há vencedores, no sentido de que um médium possa suplantar outros. Na mediunidade, ganha aquele que serve na obscuridade, modestamente, com devotamento e honestidade.

Ouando ouço falar que alguém é um “grande médium” , fico logo de pé no freio. Existem grandes médiuns? Mediunidade é grandeza? Muita gente avalia os médiuns pelos fenômenos espetaculares que podem produzir ou pela ampla variedade de faculdades que exibem. Ouanto a mim, não é isso que busco num médium. Ele, ou ela, pode até de dispor de ampla faixa de sensibilidades - que isto não é defeito mas prefiro aquele que, embora dotado de faculdades várias, dedica—se modestamente a uma ou duas, para exercer bem e com dedicação. (...) Como instrumento de comunicação o médium tanto pode veicular mensagens aceitáveis e autênticas, como inaceitáveis e falsas. dependendo das condições que oferece. Não deve ser endeusado, no primeiro caso, nem crucificado no segundo. Seria o mesmo que destruir o telefone porque acabamos de receber, por ele, uma notícia falsa, ou elogiá-lo porque acaba de nos trazer uma alegria.

Ao mesmo tempo, não há como perder de vista o fato de que o médium é um Ser humano, que pode falhar por ser endeusado, e pode embotar-se ou perder-se quando, em vez de socorrido, for arrasado porque a sua comunicação é considerado inaceitável.”

### A posição do médium

A mediunidade é dom generalizado em todas as criaturas a espera de educação e disciplina. Sem certas regras orientadas pelo Cristo, ela é apenas um instrumento de satisfação pessoal ou meio de vida na pauta dos negócios...

A posição do sensitivo ante sua mediunidade é que sua língua deve perder a força de ferir, suas mão a força de revidar e suas idéias a força de contrariar as Leis de Deus.

Todos os médiuns são testados por meios variados. Por onde que não se espera é que

o inimigo chega. O defeito que insistimos em apontar nos outros é o que temos com mais saliência. Se tiveres que chorar por alguém que errou, chora por ti mesmo. Se tiveres que alterar a voz com irmãos que julgaste incursos em erro, altera a voz contigo mesmo. Se tiveres de anunciar alguma virtude que não possuis, fala das qualidades dos companheiros e dos esforços que eles fazem para melhorar.

A posição do médium no lugar em que for chamado a trabalhar é a de servir de instrumento para o bem em todas as direções

da vida... Quando vamos trabalhar na caridade, recebemos de Deus uma cota de luz divina, mas não podemos esquecer que tal cota é para ser doada, e se ela transforma fielmente no que nós desejamos que ela seja, torna-se uma carta com endereço certo. Eis a posição do médium diante da consciência."

## **Educação Mediúnica**

— "Médium algum se perderá nas vielas do desequilíbrio se estabelecer para si mesmo um programa de renovação.

Exercício e renúncia.

Muita paciência ante as incompreensões que lhe surgem no caminho.

Capacidade de perdoar, por maior que seja a ofensa."

— "O jugo é suave e o fardo é leve para o companheiro da mediunidade que se apoie no estudo, no trabalho, na oração constante, na humildade."

— "Médiuns sérios atraem Espíritos sérios; médiuns levianos atraem Espíritos levianos. O mediano que se não ajusta ao princípios morais pode ser vitimado pela ação do mundo espiritual inferior.

— "A falta de estudo, evangélico e doutrinário constitui sério escolho na prática da mediunidade.

O médium deve ler, estudar, refletir, assimilar e viver as edificantes lições do Evangelho e do Espiritismo, a fim de que possa oferecer aos Espíritos comunicantes os elementos necessários a uma proveitosa comunicação. O médium estudioso, além disso, é instrumento dócil, maleável, acessível. Tem sempre uma boa roupagem para vestir a idéias a ele transmitidas. O que não estuda, nem se renova, cria dificuldades à transmissão da mensagem, favorecendo a desconexão. — "A educação mediúnica, por sinônimo de desenvolvimento mediúnico,

deve ser iniciada no devido tempo, na época apropriada, isto é, ao se verificar a espontânea eclosão da faculdade. Não devemos "querer" o desenvolvimento mediúnico, mas "amparar" a faculdade que surge, pelo estudo e pelo trabalho, pela oração e pela prática do bem. Forçar a eclosão da mediunidade, ou o seu desenvolvimento, significa abrir as portas do animismo, com sérios inconvenientes para o equilíbrio, a segurança e a produtividade do mediano. A educação mediúnica deve ser, em qualquer circunstância, espontânea, natural, suave, sem qualquer tipo de violência externa e interna."

— "Educação mediúnica pede tempo e trabalho, estudo e abnegação. Não acontece de um dia para outro.

Médium inquieto, apressado em transmitir boas comunicações antes do necessário preparo, é candidato em potencial ao desequilíbrio.

O médium disciplinado obterá ótimos frutos em sua tarefa, levando em consideração o seguinte:

— lugar e hora certos para o trabalho;

— assiduidade e pontualidade;

— respeito à codificação e apreço aos Instrutores Espirituais.

O médium prudente analisa, examina sugestões dos companheiros encarnados, aceitando—as se justas e sensatas. O médium vaidoso comporta—se como dono da verdade. É sistematicamente refratário a advertência e conselhos.

A discrição é fator básico para o êxito fluídico conhecer problemas pela mediunidade ou por relatos íntimos e revelá-los, é falta de caridade."

— "A ausência de trabalho é grave escolho da mediunidade, isso porque a ferramenta mediúnica exige utilização constante, ação contínua, não somente pela necessidade de aprimoramento das antenas psíquicas, como

também pelo imperativo da conquista do sentimento do amor.

O trabalho assegura a assistência superior, protege o médium contra o assédio e o dornínio de Entidades menos felizes, constroem preciosas amizades nos planos físicos e subjetivo.

Harmonia fluidica, amor e confiança, destreza psíquica e apuro vibracional representam o somatório da atividade mediúnica exercida da disciplina do trabalho.”

### O hábito da prece

O hábito da prece mantém o médium em estado de vigilância, imprescindível ao bom êxito de sua tarefa.

Através da oração isolamo—nos das influências negativas, sintonizando—nos com as forças espirituais que iluminam.

A prece não nos isenta das provas, mas dá—nos forças para suportá—las.

“Nos momentos de dificuldade e sacrifício, vamos lembrar de orar para Nosso Pai.

A oração é um santo remédio para os nossos males. Não é só nas horas de aflição é que devemos recorrer a esse recurso maravilhoso.

Ela deve ser feita todos os dias. Pela manhã, agradecendo pelo descanso de nosso corpo físico, e pedir proteção para mais um dia de trabalho aqui na Terra. Ao anoitecer, antes de dormir, agradecendo pelo dia que tivemos, e pedindo para que nosso Espirito possa estar com nossos Amigos Espirituais, buscando novos esclarecimentos para nosso aprimoramento espiritual. Lamentamos que muitas pessoas Só recorrem à oração para pedir a conquista de bens materiais.

Conquistas essas que são perecíveis com o tempo. Devemos pedir sim, uma boa saúde para o nosso corpo físico, para que possamos ter a força e a energia necessária para cumprir

com grande sucesso o que nos foi planejado pelo Plano Espiritual.

Devemos pedir a proteção os bons conselhos e as inspiração de nossos Guias Protetores para a resolução de nossos problemas em que, por ventura, estejamos atravessando.

Mas, devemos orar não só para pedir, mas também para agradecer pelas nossas conquistas do dia—a—dia e pelas dádivas recebidas.

Podemos orar para emitir vibrações positivas para daqueles entes queridos que estejam doentes ou em dificuldades.

Devemos orar, também, e isto mostra a nossa grandeza e elevação de nossa alma, para os nossos inimigos e por todos aqueles que rios desejam o mal. Vamos perdoar—lhes cada ato infeliz e impensado que tenha sido desferido contra nós. Vamos mostrar—lhes o nosso carinho, o nosso Amor, a nossa tolerância e pedir à Deus para que façam rever seus gestos, suas posturas. E que as Entidades Benevolentes possam iluminá-los para a prática de atos mais elevados.

Lembrem—se: a oração é uma benção Divina. Podemos recorrer a todos os instantes. A oração é um ato de Amor, um elo de ligação entre o Plano Espiritual e o Terreno.

Para orar, não há necessidade de palavras decoradas ditas sem nenhum sentimento. Mais valem dez palavras expressas com amor e devoção...

Muitos falam que não sabem rezar. Basta humildemente, com suas próprias palavras, com uma devoção muito grande, acreditando naquilo que está sendo pedido, ser concretizado.

Vamos lembrar o que o Nosso Mestre Jesus nos disse:

“Pedi e se vos dará”.

Acima de tudo, devemos orar com muita fé!”

## O LÍVRE ARBÍTRIO

**O livre arbítrio é definido como “a faculdade que tem o indivíduo de determinar a sua própria conduta”, ou, em outras palavras, a possibilidade que ele tem de, “entre duas ou mais razões suficientes de querer ou de agir, escolher uma delas e fazer que preva-leça sobre as outras”. Problema fundamental da Filosofia ética e psicológica, vem sendo estudado e discutido acaloradamente desde os primeiros séculos de nossa era, dando ensejo a que se formulassem, a respeito, várias doutrinas díspares e antagônicas. Até acham alguns que o livre arbítrio é absoluto, que os pensamentos, palavras e ações do homem são espontâneos e, pois, de sua inteira responsabilidade. Evidentemente, laboram em erro, porquanto não há como deixar de reconhecer as inúmeras influências e constrangimentos a que, em maior ou menor escala, estamos sujeitos, capazes de condicionar e cercear a nossa liberdade.**

No extremo oposto, três correntes filosóficas existem que negam peremptoriamente o livre arbítrio: o fatalismo, o predestinacionismo e o determinismo.

Os fatalistas acreditam que todos os acontecimentos estão previamente fixados por uma causa sobrenatural, cabendo ao homem apenas o regozijar-se, se favorecido com uma boa sorte, ou resignar-se, se o destino lhe for adverso.

Os predestinacionistas baseiam-se na soberania da graça divina, ensinando que desde toda a eternidade algumas almas foram predestinadas a uma vida de retidão e, depois da morte, à bem-aventurança celestial, enquanto outras foram de antemão marcadas para uma vida reprovável e, conseqüentemente, precondenadas às penas eternas do inferno. Se Deus regula, antecipadamente, todos os atos e todas as vontades de cada indivíduo argumentam —, como pode este indivíduo ter liberdade para fazer ou deixar de fazer o que Deus terá decidido que ele venha a fazer?

Estas duas doutrinas, como se vê, reduzem o homem a simples autômato, sem mérito nem responsabilidade, ao mesmo tempo que rebaixam o conceito de Deus, apresentando-o à feição de um déspota injusto, a distribuir graças a uns e desgraças a outros, unicamente ao sabor de seu capricho. Ambas

repugnam às consciências esclarecidas, tamanha a sua aberração. Os deterministas, a seu turno, sustentam que as ações e a conduta do indivíduo, longe de serem livres, dependem integralmente de uma série de contingências a que ele não pode furtar-se, como os costumes, o caráter e a índole da raça a que pertença; o clima, o solo e o meio social em que viva; a educação, os princípios religiosos e os exemplos que receba; além de outras circunstâncias não menos importantes, quais o regime alimentar, o sexo, as condições de saúde, etc.

Os fatores apontados acima são, de fato, incontestáveis e pesam bastante na maneira de pensar, de sentir e de proceder do homem. Assim, por exemplo, diferenças climáticas, de alimentação e de filosofia, fazem de hindus e americanos do norte, tipos humanos que se distinguem profundamente, tanto na compleição física, no estilo de vida, como nos ideais; via de regra, a fortuna nos torna soberbos, enquanto a necessidade nos faz humildes; um dia claro e ensolarado nos estimula e alegra, contrariamente a uma tarde sombria e chuvosa, que nos deprime e entristece; uma sonata romântica nos predispõe à ternura, ao passo que os acordes marciais nos despertam ímpetos belicosos; quando jovens e saudáveis, estamos sempre dispostos a cantar e a dançar, já na idade

profecta, preferimos a meditação e a tranquilidade, etc.

Daí, porém, a dogmatizar que somos completamente governados pelas células orgânicas, de parceria com as impressões, condicionamentos e sanções do ambiente que nos cerca, vai uma distância incomensurável.

Com efeito, há em nós uma força íntima e pessoal que sobreexcede e transcende a tudo isso: nosso "eu" espiritual!

Esse "eu", ser moral ou alma como quer que lhe chamemos), numa criatura de pequena evolução espiritual, realmente pouca liberdade tem de escolher entre o bem o mal, visto que se rege mais pelos instintos do que pela inteligência ou pelo coração. Mas, à medida que se esclarece, que domina suas paixões e desenvolve sua vontade nos

embates da Vida, adquire energias poderosíssimas que o tornam cada vez mais apto a franquear obstáculos e limitações, sejam de que natureza forem. Não é só. Habilita-se também a pesar as razões e medir consequências, para decidir sempre pelo mais justo, embora desatendendo, muitas vezes, aos seus próprios desejos e interesses.

Um dia, como o Cristo, poderá afirmar que já venceu o mundo, pois, mesmo faminto, terá a capacidade de, voluntariamente, abster-se de comer; conquanto rudemente ofendido, saberá refrear sua cólera e não revidar à ofensa; e, ainda que todos ao seu redor estejam em pânico, manterá, imperturbável, sua paz interior.

FONTE  
AS LEIS MORAIS, por Rodolfo Calligaris, ed.FEB

## AGORA UM NOVO SERVIÇO PARA VOCÊ

SAA - Serviço de Atendimento ao Assinante

Fone: (11) 5082-3355 de segunda à sexta-feira das 8:30 às 12:00hs

Fax: (11) 5084-9058

E-Mail: revista.informacao@bol.com.br

### FAÇA (OU RENOVE) SUA ASSINATURA DE "INFORMAÇÃO"

Envie um cheque nominal ao GRUPO ESPÍRITA "CASA DO CAMINHO", Caixa Postal 45307, Agência Vila Mariana, CEP 04010-970, São Paulo (SP), no valor de R\$ 30,00 e garanta o recebimento por 12 meses de números inéditos da revista.

Preencha o cupom abaixo com os dados pedidos e remeta-nos ao endereço acima indicado.

**NOME:** .....

**ENDEREÇO:** .....

**CIDADE:** ..... **ESTADO:** ..... **CEP:** .....

**Nota** - Em caso de renovação queira indicar o mês do vencimento de sua assinatura e o número apostado no canto superior direito da etiqueta de endereçamento.

## O JOVEM E SEUS PROBLEMAS

Interessar-se pelo conhecimento da Doutrina Espírita, acaba gerando no jovem perquiridor de nosso tempo, dúvidas e mais dúvidas sobre pontos que não se encontram ampla e explicitamente tratados nas obras disponíveis.

Essa a razão pela qual mantém-se este espaço de **"INFORMAÇÃO"**.

Envie para a Caixa Postal 45307/Ag. Vila Mariana/CEP 04019-970/São Paulo (SP), suas dúvidas anotadas numa folha de papel.

A partir daí, basta acompanhar as novas publicações da seção JUVENTUDE para encontrar o esclarecimento que Você procura.

### OS DINOSSAUROS E A BÍBLIA

**Vi na televisão uma reportagem sobre dinossauros, aqueles animais gigantes que habitaram a Terra há milhões de anos e que existiram também no Brasil. É no mínimo estranho que a Bíblia, que dizem ser a palavra de Deus e trata da criação do mundo, não fale em dinossauros... (MARLENE S. – BAURU – SP)**

A Bíblia, embora se refira à criação do mundo e dos seres vivos, não poderia se referir aos dinossauros, porque quando foi escrita não se sabia e nem sequer se desconfiava da existência desses animais. A visão de mundo que se tinha, então, era muitíssimo acanhada. A Gênese da Bíblia fala de Adão e Eva como pessoas iguais a nós, mas não faz nenhuma referência aos ancestrais humanos que nos antecederam na longa experiência evolutiva de milhões de anos, descobertos pelos pesquisadores no século XIX, mais de 3.000 anos depois de Moisés. Logo, Moisés - ou quem escreveu o episódio da criação - estava muito distante desses conhecimentos e tinha outra visão de mundo e outra concepção de vida. Naquela época, não se tinha a mínima noção de evolução. Os conceitos vinham do mito, tanto entre os hebreus como em qualquer outro povo; aliás, os sumérios, antes de Moisés, já falavam do episódio da criação e do dilúvio, através da epopéia Gilgamesh. O homem precisava

encontrar uma explicação para o mundo em que vivia e do qual fazia parte: o mito, próprio da infância da humanidade, foi o seu primeiro recurso. Logo, a Bíblia, como nenhum livro antigo, não poderia antecipar os conhecimentos que, só recentemente, foram alcançados pelo progresso do pensamento humano e pela investigação e pela ciência.

### DESTINO E FATALIDADE

**Queria que vocês me falassem alguma coisa sobre o destino. É verdade que aquilo que está estabelecido para a vida não pode ser mudado? Por exemplo: não é possível evitar a morte. Se é assim, para que as precauções e as providências diante do perigo? Sem elas, tudo correria exatamente como está determinado. (FLÁVIA MARIA CARNEIRO – BAURU – SP)**

A teoria da predestinação não é espírita e nem tampouco é aceita pelo Espiritismo. Segundo essa teoria, o homem já nasceria com o destino determinado, não havendo possibilidade de qualquer mudança. Algumas escolas reencarnacionistas são conformistas, pois chegam a anunciar a impossibilidade da pessoa mudar o seu "carma", de tal forma que ela teria que aceitar passivamente tudo o que lhe acontece. Por essa crença, o homem não tem escolha, deve submeter-se sempre ao que está traçado, pois não pode modificar nada. Não tendo escolha, não tem livre-arbítrio e, portanto, não reúne nem mérito nem

culpa pelos atos que pratica. O Espiritismo nos ensina que não há destino imutável; somente as leis naturais são imutáveis, mas são as nossas decisões e principalmente os nossos atos que vão construir o destino. Santo Agostinho, no Catolicismo, chegou a defender uma teoria da predestinação, segundo a qual o destino do homem - quanto a ir para o céu ou para o inferno - já estaria determinado, uma vez que Deus, ao criar o homem, já sabe de seu futuro; essa doutrina foi substituída posteriormente pela doutrina teológica do livre-arbítrio de Santo Tomás de Aquino.

Leia, em **O LIVRO DOS ESPÍRITOS** de Allan Kardec, o capítulo referente à fatalidade, questões 851 a 867.

## **ELIAS E JOÃO BATISTA**

**Ouvi de um padre que a afirmação de que João Batista é Elias nada tem a ver com a reencarnação, pois, no caso, Elias estaria representando apenas o papel de profeta, que também coube a João Batista. Jesus estaria usando uma linguagem figurada, referindo-se não à pessoa de Elias, mas ao papel que representou. (MARINA ALVAREZ MARQUES – MARÍLIA – SP)**

Compreendemos e respeitamos a opinião do sacerdote, e nem poderia ser diferente sua posição. Mas, se compulsarmos os evangelhos, vamos perceber que as figuras de João e de Jesus causaram no povo grandes especulações. Profetas, como Jeremias, haviam anunciado a vinda de um messias e o povo sofrido aguardava ansioso o surgimento desse libertador que viria extirpar seu sofrimento. Havia vagas noções a respeito da volta à vida, o que era entendido

mais comumente como ressurreição - uma crença que os hebreus herdaram dos persas, no período pós-exílio, de 539 a 300 a.C.. Por isso, sem maiores conhecimentos, apenas amparados pela fé, alguns diziam que João Batista era Elias ressuscitado. Depois que João morreu, chegaram a levantar a hipótese de que Jesus era o João ressuscitado, ou mesmo Elias, ou até Jeremias, ou outros profetas, conforme podemos ler nos escritos de Mateus, Marcos e Lucas. Conta Mateus (capítulo 11) que, quando João estava na prisão, enviou dois discípulos a Jesus para confirmar se ele, Jesus, era o messias anunciando, e Jesus afirmou, entre outras coisas, que João "é o Elias que há de vir", e ainda acrescentou: "quem tiver ouvidos para ouvir, ouça". É evidente, portanto, que se falava de pessoas concretas e reais e que João, segundo a opinião de Jesus, era a mesma pessoa que Elias; só que entre essas duas personalidades havia um espaço de cerca de 900 anos, que o corpo de João não podia ser o de Elias, pois João era filho de Izabel e Zacharias, conhecido desde criança, conforme Lucas, capítulo 1. Um aspecto importante, que salta aos olhos dos que estudam detidamente os evangelhos, é o fato de que Jesus não questionava os dogmas religiosos e parece não gostava muito de entrar nesse tipo de discussão. Raras vezes o fez. Estava preocupado, sim, com a sua doutrina moral, com a mudança interior do homem. Por isso, tratou de leve esse e outros assuntos e de acordo com a compreensão do povo, pois, do contrário, não teria tempo e nem tampouco seria ouvido. Veja "REENCARNAÇÃO NA BÍBLIA" de Herminio C. Miranda e "REENCARNAÇÃO, O ELO PERDIDO DO CRISTIANISMO" de Elizabeth Clare Prophet.

**LEIA E DIVULGUE A INFORMAÇÃO**

## FAMÍLIA - VISÃO PSICOLÓGICA

**Elaine Curti Ramazzini**

Muito se tem falado sobre a influência da televisão no desenvolvimento sócio-emocional das crianças. Também cada vez mais cedo as crianças fazem uso do computador, com grande estímulo dos familiares. Também não se pode negar que o desenvolvimento tecnológico tem oferecido esses instrumentos como opções de aprendizado e lazer.

De tempo em tempo aparece alguma notícia alertando quanto ao cuidado que se deve ter ao permitir que crianças tenham acesso a estas facilidades, todas consideram que não há como proibir sem causar desconforto e fazer a criança sentir-se diferente das demais crianças.

Do ponto de vista da Psicologia, a família pode ser definida como um “sistema de laços emocionais”, diretamente responsável pela formação da estrutura psíquica de cada indivíduo.

É através das figuras parentais (mãe e pai) ou de seus substitutos que se verifica a transmissão à criança de padrões diretamente relacionados com o *modus vivendi* (comunicação, afeto, disciplina). É através dessas relações que vai nascendo na criança a percepção de si mesma e dos outros, assim como a maneira e a capacidade de interagir no mundo social.

Tornamo-nos humanos através das interações, na infância, com as primeiras pessoas que amamos (o “outro significante”, como bem define Peter I. Berger). É na família que cada Ser adquire as bases do comportamento, da identidade sexual, das noções de direitos e deveres e ainda dos modos pelos quais lida com afetos e emoções (amor, ódio, despreendimento, egoísmo...).

Outra função básica da família é a de preencher as necessidades amorosas e de ajuda mútua entre adultos. Daí a importância do casamento, da união, que por mais dificuldades apresente na vida em comum dos cônjuges nunca pessoa alguma conseguiu descobrir melhor substituto para ele.

Não podemos falar de família, numa perspectiva psicológica, se não falarmos de mitos familiares. A idéia que se faz de mito familiar advém do fato de que mito é uma história concebida por um povo, que não possui lógica ou regra, constituindo, por assim dizer, aquilo que as pessoas trazem consigo e que se perpe-

tua de geração em geração.

Tais mitos consistem na formação de idéias que se atribuem à família e que nada mais são do que uma percepção enviesada de como ela é, como se organiza e como funciona. Tais concepções ganham deformações maiores, pois se apresentam conjugadas com uma série de mecanismos de defesa.

Muitos mitos surgiram a respeito de problemas aparentes, numa versão um tanto quanto mágica e sobre quem — algum membro da família — é portador de algum problema. Exemplificando: considerar que o problema de uma família é um filho rebelde ou doente ou, ainda, um pai ausente, constitui uma versão bem superficial das dificuldades emocionais da família, que enfoca a problemática toda num determinado membro, escondendo conflitos sérios que se localizam no próprio contexto familiar.

Quando, numa família, há o chamado “filho-problema”, torna-se ele o responsável pelos dramas que ocorrem no lar, envolvendo todos os membros da constelação familiar. Assim, o resto da família vive uma sensação ilusória de que, na medida em que o elemento doente melhora, o problema de todos, conseqüentemente, se resolve, e que não exigirá que os demais se esforcem para administrar os conflitos em casa. Com isso, a família precisa manter vivo o “bode expiatório”, imaginando que, ao livrar-se dele, liberta-se também dos conteúdos indesejáveis de si própria que nele projeta. Assim, portanto, embora a ansiedade seja compartilhada por toda a família, de modo geral, com freqüência esse membro passa a incorporar o problema como se fosse somente

seu, poupando os demais participantes da família da incômoda tarefa de administrar os próprios conteúdos.

Muitas vezes, também, ocorrem outros mecanismos de defesa, como a negação, por exemplo, observada em pais que, não aceitando a idéia de terem gerado um filho com deficiências físicas ou intelectuais, “enganam-se” tentando ocultar essas características, ao invés de proporcionar-lhe um atendimento adequado.

No que se relaciona à escolha e ao contrato de casamento, são várias as motivações que levam as pessoas a se unirem.

Segundo a Psicologia, a escolha de um parceiro ou de uma parceira diz respeito ao desenvolvimento de certos valores que se lhes foram inculcados ao longo do tempo. Ocorre, no entanto, que nem um nem outro cônjuge possui características idênticas. Tais características, que dizem respeito, muitas vezes, às experiências de cada um, e à escala de valores que cada qual desenvolveu ao longo de sua vida particular, pode não ser a mesma para os dois membros do casal. E isto provoca, via de regra, muitos desajustes entre marido e mulher, gerando sérios conflitos no âmbito familiar.

Também na relação conjugal, os seres de envolvem e vivem em torno de mitos que dizem respeito ao viés da cultura e dos valores muitas vezes ultrapassados. Arnold A. Lazarus, psicoterapeuta de casal, esclarece que muitos casais se separam porque buscaram atender a certos mitos conjugais, como, por exemplo: “o matrimônio pode realizar todos os nossos sonhos”; ou “os bons maridos consertam tudo em casa e as boas esposas fazem a limpeza”; ou “ter um filho, melhora o mau matrimônio”; ou “os que amam de verdade, adivinham os pensamentos e sentimentos do outro”; ou “a competição entre marido e esposa estimula o casamento” e assim por diante...

Há casos de cônjuges que procuram no outro aspectos que não desenvolveram em si mesmos. Por exemplo, uma mulher que não se sente muito “brilhante” em termos de inteligência, exalta a argúcia ou o brilhantismo do marido, como se somente ele os possuísse.

Essa maneira de proceder diz respeito à necessidade que possui de sentir-se engrandecida através da figura do companheiro, emprestando dele a inteligência de que se sente desprovida.

Essa determinação de que os problemas estão localizados apenas no outro viabiliza-se graças ao mecanismo de projeção, onde idéias e sentimentos do indivíduo são atribuídos objetivamente a pessoas e objetos.

Assim, um homem que tenha muita dificuldade em manifestar raiva pode casar-se com uma mulher “raivosa”, que consegue expressar tal sentimento em seu lugar. Ela então expressa pelos dois aquele sentimento.

Tal carga dupla, representada por um aspecto vivido por um dos elementos do casal e aparentemente ausente no outro, acaba pesando na experiência de ambos. Há uma ansiedade que faz com que seja importante conservar esses aspectos, mais no companheiro ou na companheira.

No ato da escolha, de uma forma ou de outra, um captou que poderia auxiliar seu par a continuar o aperfeiçoamento na própria personalidade e que sozinho não conseguiria. De maneira geral, esse movimento de complementação se dá no sentido do crescimento, mas pode também constituir um pacto destrutivo que contribui para adoecer ambos os cônjuges na relação que fica cada vez mais desgastada.

É claro que os filhos podem também sofrer as projeções de aspectos das personalidades dos pais. Frequentemente, carregam eles aspectos mal resolvidos de todos como se fossem problemas pessoais seus. Permanecendo, pois, nesta situação, exercem uma função reguladora no seio familiar, na medida em que aliviam de tal carga o resto da família.

Uma criança pode ser utilizada desde o nascimento como extensão dos problemas dos pais, recebendo papéis que se ajustam às fantasias deles, mas não à personalidade e necessidades dessa criança. Isto acabará por certo dificultando em muito o desenvolvimento de sua personalidade, tornando-a desajustada, não só em relação ao contexto familiar, mas no

# EDUCAÇÃO

desempenho dos papéis sociais de forma geral. Estudos relativos ao desenvolvimento psicológico infantil mostram que o bem-estar mental da criança depende em grande parte de sua segurança afetiva, isto é, de quanto ela se percebe amada e do quanto as pessoas ao seu redor podem ajudá-la, quando e se ela necessitar de amparo e proteção. A sensibilidade, a receptividade do adulto diante dessas expectativas infantis estão diretamente relacionadas com as experiências que esse adulto teve durante a sua infância. E de supor-se que quem foi bem cuidado e sentiu-se amado pelos pais tenha maior facilidade de dedicar-se de maneira eficiente aos filhos.

No entanto, nem toda criança infeliz e mal-amada está destinada a ser mau pai ou péssima mãe. Se o indivíduo refletir sobre seus sofrimentos, entendê-los e reelaborá-los de maneira positiva, estará mais apto a não passar adiante suas experiências menos felizes.

A distância entre as gerações e a interferência da televisão, que funciona como babá para a criança e como calmante para o adulto, agrava ainda mais os problemas em casa. Observa-se que, no mundo moderno, encontrar um tempo para sentar e conversar com o filho, ou com os pais, não é fácil. Deste modo, compartilhar experiências, falar sobre sentimentos e trocar idéias são privilégios de poucas famílias. Neste contexto, a comunicação se mantém precária e limitada aos aspectos superficiais do cotidiano. Vale frisar que não se trata de medir a harmonia de uma família pelo tempo em que seus membros estão juntos, mas de verificar a qualidade dessa vivência em comum.

Acompanhando a evolução da família através dos tempos, observa-se que houve uma subversão da história anterior. Fundada no pátrio poder, em que o homem era o centro econômico e dele provinha o sustento da casa, dos filhos, cabia tão-somente à companheira a transmissão dos valores que seriam reproduzidos sem alterar o quadro.

Ingressando, porém, a mulher no mercado de trabalho, passa ela a repartir o poder, a intervir nas decisões sob uma visão nova, feminina. Isto, literalmente, transforma todas as relações

afetivas, desorganiza uma ordem estabelecida há muito tempo. Inicia-se um “processo de reacomodação”, como dizem alguns psicólogos, processo de reacomodação este que atinge cada um dos integrantes do núcleo familiar.

Antes alijada, a mulher, agora, sabe das dificuldades fora de casa e vivencia a disputa no mercado de trabalho. Da mesma forma, o homem se sente compelido a intervir na educação dos filhos, tornando-se também um transmissor de ideologia.

A família, com todas estas transformações, tem buscado tornar-se mais nutridora, oferecendo ao bebê condições de transformar-se num homem maduro. Para tanto, pais e mães têm procurado cada vez mais terapeutas e conselheiros para que estes profissionais os auxiliem na resolução dos conflitos e desajustes verificados na esfera doméstica.

A Psicologia tem, pois, contribuído de maneira profícua no sentido de ajudar os membros da constelação familiar a reconfigurarem melhor a sua condição existencial. Sinalizando-lhes a importância de aprender a lidar com os “nãos” da vida e com verdades possíveis, abre-se-lhes um leque de opções para que cada um trabalhe seus próprios limites, dentro de um contexto mais amplo — o familiar — respeitando a própria individualidade, apanágio do Ser em constante transformação. Procura ainda auxiliar a cada um em particular e a todos de forma geral, fazendo-os reconhecer que os comportamentos são influenciados e influenciam outros e que as alegrias e tristezas que compõem o repertório pessoal das experiências será acionado no momento em que as criaturas se relacionarem com outras pessoas e decidirem constituir uma nova família.

Com a visão esclarecedora acerca dos mecanismos comportamentais, a Psicologia dilata para o homem a sua percepção de “ser no mundo com os outros”, como bem assinalou o filósofo existencialista Martin Heidegger. Ao descortinar à criatura possibilidades no sentido de que ela encete e promova o seu auto-conhecimento, favorece-lhe o crescimento

interior e sensibiliza-a para o cultivo de uma vida mais sadia e harmoniosa no seio familiar. O Espiritismo, por seu turno, esclarece que os Espíritos são herdeiros de si próprios e que a tarefa dos pais é a de orientar os filhos, dando-lhes apoio e sustentação para que, quando adultos, consigam se auto-apoiar e caminhar confiantes em busca da perfeição. Exigir de seus tutelados mais do que podem dar é não compreender-lhes o estágio evolutivo em que se encontram na presente reencarnação e esquecer-se de que as experiências pelas quais devem passar serão aquelas mesmas necessárias ao seu aprendizado na condição de Espírito eterno, com vistas à ascensão espiritual a que todos estamos fadados.

Atualizando a lição de Jesus, descortina na família esclarecida espiritualmente a Humanidade feliz de um futuro repleto de alegrias e benesses imorredouras.

Sustentando-a nos ensinamentos do Cristo e no seu Código de reta conduta, pontua a todos e a cada um em especial a necessidade de preservar o reduto familiar, sob a égide do Amor Maior, onde deverá ser construído o altar da compreensão recíproca e do respeito mútuo a fim de que o reino de Deus se instale por definitivo no coração da criatura.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- Canevacci, M. Dialética da família. 2a. ed., S.Paulo, Ed.Brasiliense, 1982.  
 Dias, M.L. O que é psicoterapia familiar. S.Paulo, Ed.Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 1990.  
 Vivendo em família. 4a. ed., S.Paulo, Ed.Moderna, Coleção Po1 1992.  
 Franco, D.P. (Pelo espírito Joanna de Ângelis). Estudos espíritas. Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, 1982  
 Lazarus, A.A. Mitos conjugais. Campinas, Editorial Psy, 1992.  
 Montoro, G. F. "A família, pensando bem...". Revista Icaro, Edição Mulher, N agosto de 1994, p. 98 e 100.  
 "Psicologia tenta explicar mudanças na família". Seção Lar, Doce Lar?, Shopping News, São Paulo, 06.03.1994, p. 11.

#### FONTE

A FAMÍLIA, O ESPÍRITO E O TEMPO, por Autores Diversos, ed. USE

## O MUNDO MAIOR E A EDUCAÇÃO

*“O ministério das mães é, indiscutivelmente, o mais alto, na experiência terrestre, mesmo porque a própria manifestação do Cristo no mundo depende quase que inteiramente da colaboração da mulher personificada, em toda a sua nobreza e esplendor espiritual, no coração da Nossa Mãe Santíssima.”*

**Emmanuel**

“Examina da torre de tua compreensão, os quadros aflitivos da senda e reconhecerás que o mundo e os semelhantes constituem a nossa casa e a nossa família, pedindo a bênção do auxílio e o bálsamo da piedade.”

**Agar**

*“A aquisição das mais elevadas qualidades terrenas é o legítimo acesso aos dons celestiais.”*

**André Luiz**